
Brasil 2013: ódio e laço social contemporâneo

Brazil 2013: hate and contemporary social tie

Brasil 2013: odio y vínculo social contemporáneo

Arraes Neto, Enéas de Araújo¹ (Fortaleza, CE, Brasil)
ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-5919-4554>
Paula, Francirene de Sousa² (Fortaleza, CE, Brasil)
ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-9526-3326>
Feijó, Jerciano Pinheiro³ (Fortaleza, CE, Brasil)
ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-7731-1283>
Soyza, Raphael Pires de⁴ (Fortaleza, CE, Brasil)
ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0000-0000-0000>

Resumo

Este artigo tem por objetivo refletir a relação entre ódio e laço social contemporâneo a partir das manifestações sociais, chamadas “jornadas de junho”, ocorridas em 2013 no Brasil, destacando suas marcas expressivas de raiva e destrutividade voltadas para as representações do gozo capitalista, insígnias do mal estar na cultura contemporânea. Interroga, segundo os estudos freudianos sobre a cultura, o lugar da negatividade do ódio na constituição do laço social, colocando em cena as relações do sujeito com o outro, sobretudo quando este é tratado como objeto. Trata-se assim de mostrar que há uma lacuna nas críticas dirigidas às jornadas quando reduzidas tais manifestações a atos de vandalismo e de violência, ignorando o aspecto do ódio no sentido de uma recusa do sujeito (pobre, negro, gay, mulher etc.) em ser considerado desprezível pela sociedade do capital.

Palavras Chave: Ódio; Laço Social; Psicanálise; Inconsciente; Manifestações Sociais.

Abstract

This paper presents the analysis of the relation between hate and social bonds in contemporaneity, focusing in the social riots of 2013 in Brazil. The text underlines the particular demonstrations of anger and destructiveness devoted to representatives of capitalist luxury and fruition, understood as signs of uneasiness in contemporary culture. The authors, based in Freudian studies about culture, make questions about the hole of hatred in the constitution of social bonds, bringing to the central stage the relations between the subject and the meaning of others (alter), together with the sense and feeling of been treated as object. Therefore, the paper exposes the insufficient explanations exposed in social media about the riots, mainly when they stressed only acts of violence and vandalism as mere nonsense, ignoring the social rejection suffered by the poor, blacks, gays, women and other groups despised by capitalist society.

Key-words: hatred, social bonds, psychoanalysis; unconscious; social riots.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo reflejar la relación entre el odio y el vínculo social contemporáneo a partir de las manifestaciones sociales, llamadas “Días de junio”, que tuvieron lugar em 2013 em Brasil, destacando sus marcas de ira y destructividad hacia las representaciones del disfrute capitalista, insígnias de malestar em la cultura. De acuerdo com los estudios de Freud sobre cultura, cuestiona el lugar de la negatividade del odio em la constitución del vínculo social, poniendo las relaciones del sujeto com el outro, especialmente cuando este último es tratado com um objeto. Esto es para mostrar que hay una brecha em la crítica que redujo tales manifestaciones a actos de vandalismo y violencia,

¹ Docente do Instituto Federal de Educação do Ceará – Campus Sobral. eneas_arrais@hotmail.com.

² Psicanalista, Doutora em Educação. Membro associado à Escola de Psicanálise Corpo Freudiano – Sessão Ceará.

³ Docente do Instituto Federal de Educação do Ceará – Campus Caucaia. jerciano@hotmail.com

⁴ Docente da Universidade de Fortaleza - UNIFOR. raphaelpires@unifor.br

ignorando el aspecto del odio hacia um rechazo del sujeto (pobre, negro, gay, mujer etc) ser considerado despreciable por la sociedad del capital.

Palabras clave: Odio; vínculo social; Freud; inconsciente; manifestaciones sociales.

Introdução

Sabemos que no ano de 2013 foram realizadas várias manifestações sociais no Brasil, conhecidas como as *Jornadas de Junho*. Elas apresentaram processos semelhantes aos protestos ocorridos em outros países como a Primavera Árabe no Oriente Médio e na África (2010), Occupy Waal Street nos EUA (2011), Los Indignados na Espanha (2011), levantando bandeiras comuns, como: luta anticapitalista (antiglobalização), defesa ambiental e dos direitos humanos ligados à diversidade religiosa, de gênero e etnias.

No Brasil, as manifestações tiveram um caráter complexo, a partir mesmo da constituição social dos grupos que ocuparam as ruas naqueles protestos. Iniciados por setores estudantis, deflagrados por um reajuste no valor das passagens de ônibus na cidade de São Paulo, as manifestações foram, rapidamente, incorporando outros setores sociais, por vezes, apresentando contradições internas notáveis.

Após iniciadas por movimentos populares, e espalhando-se pelo país a partir da crítica da corrupção, que a mídia descrevia então como generalizada nas estruturas de poder, e entre o governo de então e as grandes empreiteiras e grupos econômicos envolvidos na organização da “Copa do Mundo de Futebol” no Brasil, prevista para o ano seguinte (2014), as manifestações incorporaram setores das classes médias, que apresentavam reivindicações incongruentes com os pronunciamentos dos setores sociais populares.

Num certo sentido, as manifestações foram “retomadas” e redirigidas pela elites, após o momento inicial, de caráter mais popular, voltando seu foco para demonstrações contra os governo, contra os “políticos” e seus partidos, em geral, inclusive com agressões contra movimentos populares que utilizavam bandeiras vermelhas do MST, ou bandeiras de partidos da base popular, como psol, pstu, pco entre outros.

Contudo, o que mais foi retratado no início dessas manifestações, sobretudo, pela grande mídia e seus simpatizantes (fossem eles ditos de direita, ou de esquerda, no sentido político), foram os seus “atos de violência”, entendidos estes imediatamente como expressão do ódio humano. Esse caráter demarcou uma forma

de compreensão que prevaleceu por várias semanas, e que permanece ainda na memória de muitos, quiçá da maioria.

Dessa forma, as manifestações foram apresentadas pela grande mídia e compreendidas pelo “senso comum” como uma experiência social de barbárie, de caráter anticivilizatório, produzindo, o que, a nosso ver, trata-se, na verdade, mais de uma *ideologia da violência*, tal como foi nomeada pelo filósofo esloveno Slavov Zizek (2014), e menos de uma reflexão teórica e crítica sobre o assunto em questão, marcando-se principalmente por opiniões subjetivas e interesses próprios.

A que se refere, a expressão ideologia da violência? Para Zizek, a violência da ideologia consiste em negar entrada a outras formas de dar sentido ao que se vive em termos de violência. Segundo ele, existem três tipos de violência: subjetiva, objetiva e simbólica. A primeira refere-se à violência que se apresenta de forma imediata aos nossos olhos, é visível, como uma guerra um acidente trágico, um assalto ou assassinato.

A segunda forma da violência é invisível. É veiculada sistematicamente, atua em silêncio, de modo que nada ou quase nada sentimos a seu respeito. Está profundamente infiltrada nas nossas ações cotidianas, pois os seus comandos são automáticos, funcionam à nossa revelia e agimos dentro dele a partir de uma espécie de servidão voluntária não-consciente.

A terceira e última, por sua vez, advém da linguagem que delimita o nosso universo de sentido, uma vez que só podemos dizer alguma coisa a partir de certo lugar, implicando uma separação entre o meu dito e o meu dizer. O que é dito é sempre ultrapassado pelo dizer, impedindo que a comunicação entre seres falantes seja plenamente harmônica.

Apesar de existir tais tipos de violência, Zizek chama a atenção sobremaneira para a violência sistêmica, na medida em que produz a ideologia da violência, construindo um pano de fundo social que contrasta de forma radical uma vida perturbada de um lado, e uma vida tranquila e normal, de outro, tornando legítimo o argumento de que nenhum tipo de violência poderia ser justificável, índice de uma recusa a qualquer manifestação de ódio.

Mas o que significa tal recusa? Para que e para quem ela serve? Perguntamos aqui. Na busca de uma resposta possível, lançamos mão das teses

freudianas sobre a constituição do aparelho psíquico humano que se liga a uma concepção de cultura, onde é reservado um lugar especial ao ódio.

Como disse o filósofo e psicanalista Renato Mezan, em seu livro *Freud, o pensador da cultura*, publicado em 1985, os estudos freudianos dedicados aos fenômenos culturais estão muito bem articulados com as construções conceituais oriundas da prática clínica, uma vez referidas à constituição da subjetividade, ou ainda, a uma teoria do funcionamento do psiquismo humano, tais construções não deixam de apontar elementos fundamentais para o entendimento das “várias esferas [linguagem, trabalho, artes, ciências] em que se desenvolve o fazer humano” (1990, p.19).

Estendendo o entendimento do funcionamento psíquico individual à dinâmica da cultura, a psicanálise rompe com o pensamento da psicologia clássica, vigente até o XIX, que tratava separadamente os fenômenos psicológicos individuais dos fenômenos sociais. Como diz Betty Fuks⁵, Freud “De acordo com a sua experiência clínica, passou a considerar como fenômeno social toda e qualquer atitude do indivíduo em relação ao outro”, transportando a ideia de que “a experiência subjetiva, objeto privilegiado do trabalho analítico, implica necessariamente a referência do sujeito ao outro (os pais, os irmãos e amigos, a pessoa amada, etc.)” e ainda à linguagem (Outro).

A primeira investida de Freud em direção ao tema da cultura aparece em Totem e tabu (1912-1913) que constitui o primeiro de uma série de textos freudianos dedicados aos fenômenos sociais, conhecidos como *Estudos Culturais: Psicologia das massas e análise do eu* (1921), *Futuro de uma Ilusão* (1927), *Mal-estar da Cultura* (1930), *Moisés e o monoteísmo* (1939). Em conjunto, diz Daniel Koren (2013), esses textos “desenham a cartografia da interrogação freudiana sobre o que é a sociedade humana, as exigências que esta impõe, os sacrifícios que requer e os impasses inevitáveis do incontornável *Kulturarbeit*”.⁶

Dessa maneira, é inteiramente compreensível que Freud tenha sido tão incisivo ao afirmar, no livro *O futuro de uma ilusão* (1927), que o homem é um inimigo

⁵ Ver: Freud & a cultura. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2003.

⁶ O termo *Kulturarbeit* significa trabalho da cultura, para o qual Nathalie Zaltsman propôs uma definição precisa: “Processo inconsciente, motor da evolução humana que tem como tarefa fazer os seres humanos viverem juntos, constringendo-os a transformar individual e coletivamente suas tendências assassinas o mais amplamente possível” (Cf. Zaltsman, 1999:45).

virtual da cultura, uma vez que para constituição desta teria sido necessário submeter-se a um conjunto de restrições, implicando assim numa perda de gozo. Por outro lado, a sua ex-sistência, como diz Lacan, deveu-se ao laço social constituído com o Outro (linguagem) e os outros. Desse modo, do ponto de vista psicanalítico, o estranho e o familiar andam juntos, são inseparáveis, dizem respeito à divisão psíquica, ao inconsciente, e compreendem precisamente o paradoxo do homem: ser dependente do laço social e inimigo da cultura.

Assim podemos dizer que não há contraste no laço social contemporâneo, senão em aparência ideológica, de que vivemos duas realidades: uma de paz e uma de guerra, uma de amor e outra de ódio. Freud nos ensina que o ódio não é o oposto do amor. E sim a indiferença. O que nos autoriza a dizer que é quando descuidamos completamente do outro, sob a forma do racismo, da opressão, e da exploração que impedimos a sustentação e caminhada da cultura.

Mantenhamos perante nós a natureza das relações emocionais que existem entre os homens em geral. De acordo com o famoso símile schopenhaueriano dos porcos-espinhos que se congelam, nenhum deles pode tolerar uma aproximação demasiado íntima com o próximo (FREUD, 1996, p. 112, vol. XXI).

Seguindo o ensinamento de Freud, consideramos que é preciso ver o problema do ódio para além de uma fenomenologia do ódio, ou seja, para além dos atos factuais, chamados muitas vezes apressadamente de atos violentos. Quando a psicanálise, prima pela escuta do inconsciente, é porque não quer fazer concessões a ideais narcísicos, sociais e morais, sabe que são incontornáveis os impasses envolvidos da formação do laço social.

Isso, obviamente, não quer dizer que se está desistindo da vida civilizada, mas se trata somente de uma recusa de olhar a humanidade pelas lentes das ilusões, relativas às demandas de perfeição e completude. Não se propõe, por exemplo, a dar uma visão de mundo pacificado ou, opostamente, tornado em selvageria, um mundo com ou sem violência, com ou sem ódio.

O que encontramos na psicanálise de Freud é um suporte teórico e conceitual para a crítica da ideologia da violência, tal como se apresenta hoje em campanhas midiáticas contra a violência. Sobretudo, quando trazem um discurso que nega ou ignora o carácter humano do ódio, como negatividade do humano e do laço

social. Ou seja, como aquilo que institui o homem e a cultura sob o signo de uma falta, de um furo, de um não, e de uma unidade. Não poderíamos dizer aqui, ou pelo menos levantar a suspeita, que o que verdadeiramente está em jogo na recusa do ódio, seria o horror do encontro com o ódio que reside em cada um nós?

Enquanto relação com o objeto, o ódio é mais antigo que o amor, ele surge do repúdio primordial do Eu narcísico ao mundo exterior aportador de estímulos. O ódio é a reação de exteriorização de desprazer provocada pelos objetos [...] (FREUD, 2004, 1915, p.161).

Para a compreensão do que é o ódio em Freud, apontamos dois momentos cruciais da teoria psicanalítica. O primeiro diz respeito à relação do ódio com a ruptura da unidade egóica do eu, que implica de uma só vez a divisão do psiquismo (no sentido do recalçamento) e também a emergência do inconsciente, questões que são retratadas, centralmente na primeira tópica. O segundo momento está relacionado à formulação na segunda tópica, cujo cerne é constituído pelas noções de compulsão a repetir e pulsão de morte, apontando para o caráter inexorável da tendência humana à destrutividade.

Da teoria da primeira tópica, destacamos a questão do ódio ao desprazer. Ela parece na obra *A interpretação dos sonhos* (1900), constituindo uma primeira tentativa de sistematizar uma teoria geral do aparelho psíquico, demonstrando o lugar central do inconsciente no funcionamento e na dinâmica do aparelho psíquico por meio da apresentação de contrastes entre o inconsciente e o consciente. Nesta, é colocado o fato de que dentre os contrastes existentes no aparelho psíquico, a relação com o prazer e o desprazer é de longe o mais significativo para balizar esboçar o conceito de inconsciente. Nesse momento, a busca pelo prazer diz respeito ao consciente e o desprazer ao inconsciente.

A problemática do desprazer, na verdade, já tinha sido abordada cinco anos antes, no *Projeto para uma psicologia científica*, documento descoberto cinquenta anos depois de ser escrito. Neste, Freud parte de uma concepção enérgica do psiquismo, herança da sua formação em medicina neurológica, mas sem confundir o aparelho anímico com o cérebro, para refletir uma variedade incrível de aspectos da vida psíquica: memória, linguagem, pensamento, afetos etc.

Do ponto de vista energético, interessava ao mestre de Viena, compreender o aparelho psíquico a partir do funcionamento do sistema nervoso, o

qual admitia duas fontes de estímulos: uma relativa ao mundo exterior e a outra, o interior do corpo. Independente da sua fonte, os estímulos se ocupavam em fazer exigências de trabalho ao aparelho psíquico no sentido da motilidade, pois não deixavam de provocar constantes excitações, que investidas de cargas de energia, resultavam num acúmulo de tensão, inflacionando o aparelho psíquico, causando desprazer, portanto. Assim, capturar as essas excitações dispersas, e arranjar-lhes um destino, isto é, uma forma de escoamento de suas descargas energéticas, constituiu a primeira função do aparelho psíquico que tinha em vista manter-se em estado de inércia (repouso).

Esta é base teórica na qual repousaram as teses iniciais sobre as neuroses. O que teria acontecido nas neuroses do ponto de vista do destino das cargas de energia das excitações que promoviam sensações desprazerosas? Freud supõe que, nas neuroses, as descargas energéticas das excitações haviam sido impedidas de ter um escoamento adequado, e em função de suas intensidades, não tinham sido ab-reagidas (catexizadas). E por isso fez o neurótico cair doente, tornando os sintomas neuróticos, a sua via de expressão.

Nessa direção, o método catártico associado à hipnose, que esteve na origem do tratamento das neuroses, implicou em fazer com que os pacientes tivessem a condição de expressar corretamente os afetos ligados às excitações desprazerosas percebidas. Isto é, fazer uma catarse dos afetos (grito, choro) que estavam na origem do conflito psíquico. O método catártico-hipnótico tinha por função primeira aliviar o paciente do estado de tensão instaurado em sua psique. Contudo, a emergência dos sucessivos fracassos desse método levou Freud a perceber que a hipnose escondia a resistência dos pacientes e assim partiu para a associação livre, o que segundo ele mesmo, serve de marco para o início da psicanálise.

Voltando à concepção energética do aparelho psíquico, aonde os estímulos (equivalem ao termo pulsão, nesse momento), Freud observa que diferente dos estímulos externos, do qual era possível a fuga ou a evitação, os estímulos endógenos eram indefensáveis, pois para estes não havia a tela protetora dos órgãos dos sentidos, tornando suas intensidades dispersas muito mais danosas do que os estímulos externos, uma vez que estes perderiam em intensidade na medida em que

precisavam seguir uma longa caminhada até chegar à percepção do psiquismo. Por isso, lidar com os estímulos provenientes de fora seria mais fácil.

Essa situação é ilustrada com a cena do choro de um bebê que frente à ausência de um outro (em geral, a mãe) que venha em seu auxílio, é para Freud, não só uma experiência de desprazer mas uma experiência de comunicação e de linguagem. Desse modo, ele é entendido como um ato de comunicação com o outro, esse primeiro Outro (em geral, a mãe) que vem em seu auxílio, livrando-o da fome, da sede e da morte, ultrapassando as necessidades fisiológicas na medida em que a experiência de comunicação torna-se um meio de satisfação, e instaura um estado de desejo que se liga a um objeto primordial perdido, suposto como o objeto que promoveu uma satisfação completa. Suposto porque tal satisfação nunca existiu, pois sequer existiu esse objeto.

Todavia, o que restou, foram exatamente restos de lembranças da primeira experiência de satisfação. O que, a rigor, permitiria dizer: esses restos de lembranças foram nada mais nada menos registros de traços sem vínculos entre si, relativos ao jogo de presença-ausência da mãe, marcando o encontro do bebê humano com a problemática da falta.

O que o Freud está apontando aí é que, nesse momento inicial da vida psíquica, a ausência da mãe faz com que a criança seja atravessada pela existência do outro, signo da alteridade. Ou seja, é lançada para algo que está além dela mesma.

Isso tem muita importância para o surgimento de uma concepção nova de psiquismo, pois o que Freud está afirmando é que é pela falta, pelo negativo, que advém o sujeito da psicanálise, como signo da incompletude do indivíduo, ao ser introduzido na relação social. Daí, Freud considerar que a ruptura da unidade egóica do indivíduo (indiviso), resultante da relação inaugural da criança com o outro, ser a causa primeira do ódio humano. Pois, o bebê humano, diferente dos filhotes animais das espécies nasce necessariamente dessa relação com o outro, implicando uma ruptura egóica, causa primeira do ódio humano, relativo ao fim da relação de indiferença com o mundo externo.

No caso do estímulo endógeno, diz Freud, ele só pode ser abolido por meio de uma *ajuda alheia* por que ele requeria uma transformação no mundo externo, exigindo uma ação específica, a qual só poderia ocorrer de determinada maneira.

Nessa hora, ele faz alusão ao estado infantil no qual sendo a criança incapaz de realizar essa ação específica e assim modificar o mundo externo, restaria que tal alteração só poderia ser interna, e através da ajuda alheia, a qual viria suspender o estado de tensão, mesmo que provisoriamente.

De acordo com as palavras do mestre (1996), essa via de descarga adquiriu uma importante função: a função secundária, relativa à comunicação, colocando em relevo a problemática do desamparo inicial dos seres humanos como a fonte primordial de todos os motivos morais, razão fundamental para explicar o surgimento da relação de oposição entre a sexualidade e o eu moral.

A partir da segunda tópica, que se inicia em 1920, com a publicação do texto *Além do princípio de prazer*, Freud constrói novas formulações conceituais, que são muito importantes para se entender melhor a problemática do ódio. Isto é, se até à primeira tópica, a atenção dele estava voltada para as forças recalçadas dos processos psíquicos inconscientes, e para as pulsões sexuais. Na segunda tópica, as investigações sobre o inconsciente aparecem deslocadas para as forças recalcentes, relativas aos mecanismos de defesa do Eu.

Em *Pulsão e destinos pulsão* (1915), são claras as aproximações teóricas de Freud com o tema do ódio. Afirmando que a pulsão não pode ser conhecida, mas somente os seus representantes: *Affekt* (afeto) e *Vorstellung* (representante ideativo), e estabelece ainda que não há objeto específico para a satisfação pulsional. O que resulta em dizer que a satisfação da pulsão sexual só pode ser parcial.

Freud (2006) fala em quatro destinos da pulsão: a transformação em seu contrário; o redirecionamento contra a própria pessoa, o recalque e a sublimação. Na transformação em seu contrário, a pulsão sofre uma alteração na sua meta (objetivo): a meta ativa é transformada em meta passiva, como por exemplo, sadismo-masoquismo, e o voyeurismo- exibicionismo. Também pode ser uma transformação de conteúdo. Como ocorre com o amar- odiar. Todavia dentre esses pares de opostos, o amar-odiar, por ser marcado pela relação de ambivalência afetiva para com o objeto, admite mais duas oposições: amar-ser amado; amar e odiar-indiferença.

Essa é, então, a primeira vez que Freud retrata de forma clara o ódio como pulsão. E isso tem uma importância muito grande, como se verá, para a construção dos textos que escreveu sobre a cultura nos últimos anos da sua vida. Não é à toa

que em *Além do princípio do prazer*, de 1920, texto considerado como o responsável pela virada metapsicológica, sejam retomadas questões abordadas sobre o ódio nos Destinos das pulsões, sobretudo, através da introdução dos conceitos de compulsão a repetir e de pulsão de morte.

A tese central do texto *Além do princípio de prazer* (1920) diz respeito à sobredeterminação das pulsões mais arcaicas no funcionamento da psique, cuja força é demonstrada na compulsão à repetição e na pulsão de morte, suplantando o a tese anterior do domínio do princípio do prazer que defendia a ideia de que o aparelho psíquico teria uma tendência a manter tão baixa quanto possível a quantidade de excitação nele presente. Mas segundo o próprio Freud percebe que isso é logo contrariado diante da observação de que a maioria dos processos psíquicos é acompanhada de sensações de desprazer. Três fontes de desprazer são apontadas.

A primeira observação é que sendo o princípio do prazer relativo aos processos primários de satisfação pulsional, é alvo de restrições durante o desenvolvimento da vida psíquica, ou seja, é inibido em sua meta, causa de desprazer. E como parte do funcionamento psíquico nascente, é ineficiente para fazer o organismo se impor às exigências do ambiente. Desse modo, diz o inventor da psicanálise, “[...] as pulsões de autoconservação do Eu acabam por substituir o princípio do prazer pelo princípio de realidade” (2006, pp.137-138, vol. 2).

Uma segunda fonte de desprazer se origina das clivagens sofridas pelo Eu que é transformado em unidades mais complexas. A terceira fonte de desprazer, a mais forte, é a compulsão a repetir, que implica um ganho de satisfação pulsional de ordem, distinta da do prazer, pela condição de ser imediata.

Essa outra ordem tem a ver com da meta pulsional mais arcaica, a qual visa retornar a seu estado original. “O objetivo de toda vida é a morte” (FREUD, 2006, p. 161, vol. 2), afirma o mestre. Ou seja, a compulsão a repetir é expressão da recusa às modificações do eu.

Nesse sentido, a destrutividade que implica a pulsão de morte está no fundo a serviço da autoconservação do eu, ou ainda do Eu unitário, demandando o apagamento da realidade exterior. Freud chega à conclusão de que todas as transformações que elevaram a condição de funcionamento do aparelho psíquico,

foram resultantes de tentativas malogradas de realizar esse retorno, como a se vida fosse apenas uma prorrogação da morte.

No texto de 1923, *O Eu e o id*, Freud (2007) realiza um trabalho de acabamento de tudo que deixou por dizer em *Além do princípio do prazer*. Trata-se de um dos últimos trabalhos de síntese da teoria do psiquismo, cuja estrutura gira agora ao redor da noção de Eu e não mais do inconsciente. A razão disso é que Freud descobriu que o eu é em grande parte inconsciente, abalando a teoria do primeiro dualismo pulsional que se definia pela oposição entre os interesses das pulsões do eu (ou de auto-conservação) e os interesses das pulsões sexuais. O que mudou?

Em primeiro lugar, ocorre que Freud percebe que o eu é investido de libido (energia sexual), uma libido narcísica, no artigo sobre o narcisismo de 1914, abalando a base de sustentação do primeiro dualismo pulsional que opunha o eu à sexualidade. Em seguida, no artigo de 1915, *O inconsciente*, Freud se dá conta de que “[...] o recalco não abrange todo o inconsciente, é apenas uma parte deste. Ou seja, o inconsciente tem maior abrangência que o recalco [...]” (FREUD, 2006, p.19).

O recalco é oriundo das resistências do eu, mas não exatamente são estas resistências às pulsões que surgem do inconsciente, e sim as representações com as quais as pulsões conseguiram fazer vínculos. Por último, nesse caso, foram as representações das pulsões sexuais, o objeto do recalque, mobilizando as forças do Eu sob a forma de resistência. Todavia, diz Freud, de acordo com a experiência psicanalítica, tal resistência é desconhecida dos pacientes, ou seja, ela é inconsciente.

O reconhecimento de um recalco dinamicamente inconsciente não surpreende Freud por conta somente do declínio da oposição entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais; mas também e, sobretudo, em função de encontrar no Eu relações demasiadamente íntimas com as pulsões sexuais. Tomando em conta as novas relações estruturais da psique, Isso, Eu e Supereu, o mestre de Viena percebe que o Eu é o Isso (sede das pulsões) modificado.

Tal modificação consistiu no afastamento do Eu das pulsões consideradas ameaçadoras à integridade do sujeito em favor das exigências da realidade. Mas não só! O Eu também como agenciador do recalque é constituído pelos processos de identificação com os objetos da pulsão, dos quais foi separada.

Dessa forma, o recalçado diz respeito ao Eu, ou mais precisamente, à parte que dele se cindiu. Por isso, a oposição entre o inconsciente e o consciente da primeira tópica é substituída por uma nova oposição, definida pela divergência *Eu coeso versus recalçado*.

Outro aspecto da formação do Eu de extrema relevância para o entendimento do ódio, refere-se ao fato de que a identificação com o objeto implicou em dessexualização da libido. A libido objetual foi transformada em libido narcísica, sublimada, por assim dizer. Desse modo, se estabeleceram as condições para a defusão das pulsões (Eros e Thanatos), tornando possível a liberação e autonomização do seu componente sádico, ligado à pulsão de destrutividade ou pulsão de morte.

Para Freud, o sadismo é o real opositor de Eros. Pois, enquanto Eros atua e unifica as pulsões, prologando a vida; as pulsões sádicas seguem em direção à eliminação dos objetos, regredindo à sexualidade oral (devorar) e anal (dominar), ou seja, à uma sexualidade pré-genital, auto-erótica, sem vínculo com os objetos, portanto. A resultante dessa subtração dos elementos eróticos das pulsões foi a defusão das pulsões.

Ao ser entendido aqui que o objeto representa o que é heterogêneo ao eu narcísico, o movimento regressivo das pulsões implica no apagamento das relações do Eu com tudo que lhe apareça como não-Eu, tornando-se incapaz de sustentar amor-ódio, ou o ódio-amor, que diz respeito ao narcisismo das pequenas diferenças. O apartamento do ódio do amor está no cerne da ficção do inimigo necessário. Torna esse inimigo inabitável em nós, em nossa casa, em nossa cultura.

O que se apresenta aí, um puro ódio? Um ódio, ao qual temos de ajustar a realidade a ele, criando um objeto específico para odiar: um pobre, um negro, uma mulher, um gay? Podemos interrogar aqui, pra concluir: não seria razoável, o pobre, o negro, a mulher e o gay serem violentos com aqueles que com eles foram comumente violentos? Ou faremos coro com a ideologia de que toda violência é injustificável, mesmo sabendo que ela tem endereço definido?

Como diz Lebrun (2008), o ódio concerne ao humano. Como vítima ou objeto, estamos inteiramente ligados ao ódio. Ele propõe que ao invés de quisermos recusá-lo e eliminá-lo, seria muito mais interessante reconhecer a sua existência, e a

impossibilidade de evitá-lo. Por que o ódio pode não só está longe ou próximo de nós, quanto está, sobretudo dentro de nós, alojado em nosso próprio Eu e em nosso corpo, no modo como nos dirigimos ao outro e à sociedade. No racista não há um negro? No homofóbico, não haveria um gay? No machista, uma mulher?

Lebrun observa que cada vez que somos obrigados a levar em conta o que de vem de fora, procuramos refúgio nos sentimentos de hostilidade para com outro, com o qual tenho de conviver e dele dependo para sobreviver, um primeiro outro que estava lá no início da vida, fazendo nossa inscrição na cultura, através da experiência da linguagem, por meio de um nome a que estaremos referidos para sempre.

É com esse nome, que herdamos do outro, mas que nos é absolutamente íntimo, que temos de nos haver todos os dias, uma vez que a linguagem nos destacou da natureza, e nos jogou no mundo simbólico, no mundo das representações, aonde o que se apresenta como realidade não tem garantia alguma, pode ser real, pode não ser. Afinal, o que falamos não nos pertence, a nossa fala advém do outro, o Outro da linguagem, como diria Lacan, ou o primeiro outro (a mãe) com o qual fomos confrontados ao colocar a boca no mundo.

Levando em conta essas reflexões, vemos as manifestações de 2013 no Brasil e todas as outras que lhes foram contemporâneas, expressões de resistência à demissão do sujeito desejante, ordenada pelos supostos “donos do mundo”.

No lugar de uma experiência de barbárie, vemos nessas manifestações, tentativas de lutar contra a barbárie na medida que estão procurando novas formas de dizer o que se passa nesse mundo cujos princípios sejam agora voltados para autogestão dos indivíduos e dos grupos sociais, onde não se apresenta como necessário uma pessoa que fala pelas outros em virtude possuir um título disso ou uma credencial daquilo.

Do nosso ponto de vista, os movimentos sociais que ainda se utilizam de posições hierárquicas para fazer valer suas ideias estão andando na contramão da autonomia e da emancipação humana e por isso talvez participando da produção de vítimas (mulher, negro, criança, etc.), supostamente impedidas de lutar e falar em seu próprio nome. O discurso da vitimização não poderia ser pensado como um tipo de barbárie, uma barbárie invisível? Tal pergunta nos conduz a outra: o que é barbárie afinal?

Aprendemos com a chamada “escola de Frankfurt”, mais particularmente com Theodor Adorno, que a experiência de barbárie, tal como ocorreu com o nazismo alemão, precisou contar com as condições psíquicas e sociais da juventude para acontecer.

Em 1944, ano em que o totalitarismo nazista já se mostrava às claras na Alemanha, Theodor Adorno, a convite de uma associação judaica norte-americana, a qual via com apreensão a chegada do anti-semitismo na América, veio a participar de uma pesquisa cujo objetivo consistia em “[...] descobrir relações entre a personalidade e o conjunto de ideia e valores, com base na noção de que na personalidade se articulam os fatores sociais e representações ideológicas” (CONH, 1994, p. 16-17). Desta pesquisa resultou a obra intitulada, *Personalidade autoritária*, publicada em 1950, nos Estados Unidos.

Segundo Gabriel Conh (1994), Adorno se apoiou em alguns aspectos da teoria freudiana para refletir o tema da formação da personalidade autoritária, tomando como ponto de partida a ideia de que em Freud a personalidade é, em seus primórdios, constituída por um ego frágil, relativo à condição de dependência e heteronomia da criança.

Desse modo, para ele, a ‘debilidade do ego’ na infância, seria o aspecto fundamental da força adquirida pela ideologia totalitária, que imprime desde muito cedo suas características de medo e obediência cega, tanto nos processos formativos da consciência (escola, religião, lazer) mediante a transmissão de valores, hábitos e comportamentos morais, como, também, nas profundezas dos processos inconscientes de subjetivação do sujeito, se infiltrando nas relações parentais em tenra idade, por meio da internalização de ideais morais de caráter arcaico, patriarcal e conservador.

Esse processo originário pode ser empregado posteriormente por regimes sociais totalitários, tal como ocorreu com o nazismo alemão, ao convocar uma consciência prejudicada ou uma falsa consciência, em favor de condutas políticas reacionárias que se tornam verdadeiros obstáculos para a emancipação da humanidade.

Assim, Adorno, que intencionava compreender as razões que estavam por trás da adesão da juventude alemã ao totalitarismo, aponta em seus estudos que o

modelo repressor e autoritário juntamente com o projeto de uma educação tecnicista engendrados pela sociedade moderna constituíram os seus fatores principais.

Para ele, parece claro que as forças adquiridas pelo autoritarismo foram erguidas inicialmente sobre a base da 'debilidade do ego, quando os homens, em idade infantil, eram incapazes de ter um julgamento próprio da realidade e, portanto, podiam ser conduzidos com maior facilidade por um adulto dominador, chegando ao ponto de não se reconhecerem fora desse lugar, isto é, na construção da autonomia.

Em *O que significa elaborar o passado*, de 1960, por exemplo, Adorno coloca em questão a necessidade premente de elaborar o passado, referindo-se ao nazismo alemão como uma experiência traumática para a humanidade. Critica o fato de que o tema fosse tratado, por muitos da sua época, apenas do ponto de vista quantitativo, isto é, atentos predominantemente ao número de judeus mortos. Ou então, retratando nas escolas o problema do nazismo alemão como um evento histórico, situado num passado distante, como uma realidade morta, sem conexão alguma com a experiência de barbárie do presente.

Para Adorno, os processos formativos deveriam se dedicar à tarefa de elaborar o passado de horror promovido pelo antissemitismo, seguindo em direção à consciência das novas gerações sobre o que significou o totalitarismo de Hitler na Alemanha, com o objetivo de evitar a sua repetição. Desse modo, refutar às pressas o que ocorreu nas manifestações de 2013, como se fez com a criação da Lei Antiterrorismo, sancionada em 2018, no governo de Dilma Rousseff, deixou-nos entrever um sentido de mão única sobre o que significa o ódio humano e do ato de violência que dele pode ser decorrente, traço característico de desenvolvimento de regimes políticos totalitários. Sabendo disso, podemos ser tomados de espanto tal como Adorno.

Adorno é tomado de espanto, ao se deparar com fato de que reside na concepção freudiana da cultura uma relação paradoxal entre barbárie e civilização, pois Freud havia dito entre outras coisas que todo indivíduo é um inimigo potencial da cultura, desenvolve contra ela sentimentos hostis e de destrutividade por conta das restrições de satisfação que implicou.

Diz Adorno “[...] Se a barbárie encontra-se no próprio princípio civilizatório, então pretender se opor a isso tem algo de desesperador (1995, p. 120)”. Esse

desespero de Adorno é perfeitamente compreensível se olharmos para a experiência de barbárie na modernidade como uma realidade morta, sobre a qual podemos elaborar e descrevê-la do nosso jeito. Pior ainda, se pode ser levado a imaginar que antes dela não havia outras formas de barbárie.

Dessa maneira, Adorno perde a chance de assimilar o melhor de Freud, pois se o mestre de Viena diz que o ódio humano é indestrutível, é porque é necessário renunciar as ilusões de uma cultura plenamente harmoniosa, tal como indicam as aspirações dos homens. Segundo Freud, é preciso reconhecer que as grandes criações humanas são produtos do mal-estar que a cultura gera nos homens, como formas de sublimar a falta que os constituiu.

Assim, não se trata apenas de imaginar que há uma consciência irrefletida na educação autoritária e, por outro lado, uma consciência reflexiva e crítica que seria capaz de evitar a barbárie. Pois, de onde viria essa consciência? Dos educadores-professores reflexivos-críticos, poderia responder Adorno, tomando-se a si mesmo como um deles. Mas de onde viria a formação desses mestres? E mais: com que forças mobilizariam as novas gerações que não estão mais ligadas as suas experiências?

A consciência tal como a concebeu Adorno, contornada por ideais esclarecidos (iluministas), provavelmente impediu que ele se retirasse de uma visão ingênua acerca da violência empregada no mundo do capital. Todavia, cabe salientar que ele foi um dos primeiros pensadores das gerações pós-Marx e pós-Freud a se dar conta de que o projeto social moderno havia sido um verdadeiro fiasco em relação ao trabalho civilizatório. Sobretudo quando lembramos que a modernidade reivindicou para si a tarefa de retirar os homens do obscurantismo medieval. Não é esse o teor principal do livro *A Dialética do Esclarecimento*, escrito em 1947, conjuntamente com Max Horkheimer?

A Dialética do Esclarecimento é inquestionavelmente uma obra de referência do pensamento de Adorno sobre a cultura e a educação. Nela, o termo Indústria cultural é mencionado pela primeira vez, e será para sempre um conceito-chave na teoria adorniana. Pedra angular de sua Teoria Crítica da Cultura, o conceito de indústria cultural é expressão da massificação das artes, fenômeno resultante do processo de industrialização, ao qual Adorno credita a reprodução, em larga escala,

do que se costumou chamar, diz ele, de “bens culturais” (rádio, cinema, televisão), a partir da evolução técnica dos meios de comunicação.

Esclarece que a tomada da cultura como um *bem*, isto é, um objeto do qual se pode tomar posse privadamente, é um dos grandes indicadores da entrada da cultura no mercado de consumo. Segundo Adorno, a cultura industrial havia nascido de uma racionalidade dominada pela técnica, uma racionalidade reificada, ajustada aos propósitos da burguesia capitalista.

Para ele, esta cultura há muito havia esquecido os princípios Iluministas que na sua origem estavam remetidos aos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Parece passar por sua mente que o programa social burguês, de início revolucionário, findou extremamente reacionário para com aqueles que ainda acreditavam em sua potência de emancipar a humanidade de todo e qualquer tipo de servidão.

Em sua crítica ao Esclarecimento (Iluminismo), observa que o homem burguês capitalista foi totalmente incapaz de ceder em seu desejo de enfraquecer seus semelhantes para assim melhor exercer o domínio sobre eles. Desse modo, o triunfo da sociedade burguesa, assentado no progresso alcançado através da ciência e da técnica, reduziu-se ao domínio da natureza e dos seus servidores.

De posse de uma ciência-técnica, a burguesia forja uma racionalidade instrumentalizada, fora do campo ético e estético, e separada do pensamento filosófico, configurando um processo de positivação da força da ciência. A ciência positiva retira da razão humana a sua humanidade e por isso caracteriza o que Adorno chama de elemento regressivo da razão esclarecida. Pois esta padece de imobilidade com a ausência do espírito crítico, encerrando a Razão a uma racionalidade reificada e reificadora das experiências formativas.

Reduzido ao progresso técnico, o *Esclarecimento* só poderia resultar em barbárie humana. Ao ignorar o elemento destrutivo do progresso, destaca o ilustre frankfurtiano, a razão esclarecida permitiu o florescimento das condições para a barbárie. Subtraída da dimensão auto-reflexiva crítica, a razão viu-se relegada à realidade imediata da produção e do desenvolvimento da sociedade industrial moderna, incapaz de pensar e garantir a realização plena do homem.

Na palestra intitulada Educação e Emancipação, realizada no ano de 1969, a última de Adorno, é mais uma vez retomada a discussão em torno da formação cultural. Analisando a educação na Alemanha, critica o aspecto autoritário e dominante que paira sobre os processos formativos. Observa que desde cedo, as crianças são submetidas a padrões de comportamento que as conformam a interesses exteriores ao seu desenvolvimento psíquico e social.

A tese que gostaria de discutir aqui é que desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da educação hoje em dia. O problema que se impõe nesta medida é saber se por meio da educação pode-se transformar algo de decisivo em relação à barbárie. (ADORNO, 1995, p.169).

Na escola e para além desta, segundo o frankfurtiano, são inculcadas nas gerações em formação a obediência e o ajustamento a ideias culturais que não correspondem senão aos objetivos de dominação e poder. Dentro dessa lógica de funcionamento, o conceito de talento é tão levado em conta, que em nenhum momento se articula com a realidade da vida material da sociedade. Antes, oculta as dificuldades relacionadas às experiências reais das pessoas.

Cria-se uma falsa realidade, atribuindo individualmente a cada sujeito suas (in)capacidades. Disso resulta que a democracia em voga é uma pseudodemocracia. Pois se não é incentivado o exercício da livre escolha nas relações humanas e sim a competição e a submissão, não é possível haver nem democracia e nem emancipação.

Democracia sem emancipação, segundo ele, só pode produzir experiências formativas prejudicadas, impedimento básico para a soberania da razão realmente esclarecida, tal como foi pensada em Kant, na qual o homem seria capaz de usar da própria razão sem a ajuda de outro, implicando em autonomia do pensamento.

A educação da adaptação reduz a atividade da consciência à repetição do comportamento de seu algoz, a personalidade autoritária; perpetuando, por assim dizer, o estado psicossocial infantil do homem. Recorrendo ao conceito freudiano de supereu, explica que o lugar da autoridade sob a forma de supereu implica em processos de identificação da criança com a personalidade de autoridade (em geral, os pais), através da qual são introjetadas as leis necessárias à vida civilizada.

Todavia, quando as formas culturais transformam a função psicossocial da autoridade e a transformam numa personalidade autoritária, modelo ideal a ser seguido pelas novas gerações, seguem na contramão da educação emancipatória, pois assumem o ofício de perpetuar a condição de desamparo e heteronomia infantil no lugar de promover o crescimento intelectual e moral do homem. Prejudicariam, desse modo, a experiência formativa não só das gerações vigentes, mas de toda a humanidade. Eis o legado de Adorno: o desvelamento da grande cortina ideológica da educação dominante e anticivilizatória como o pressuposto teórico e prático fundamental de toda crítica da cultura de massa.

A tarefa é expor á luz da consciência, suas (da educação e cultura de massa) fraturas, suas contradições, no ponto exato em que a formação se mostra homogênea, maciça e impenetrável. Isso constitui para ele a tarefa mais urgente: fazer uma educação voltada para a emancipação, antes mesmo de pensar nas suas formas pedagógicas de transmissão do conhecimento necessário à continuação da civilização (escola regular, profissionalizante, artes, oficinas, mídia).

Em suma, essa perspectiva, com a qual estamos alinhados, coloca o problema da experiência formativa moderna antes de qualquer coisa enquanto uma questão filosófica, de natureza política e não pragmática. Desse modo, as mais diversas modalidades de educação com suas tecnologias específicas poderiam estar reunidas com o mesmo fim: emancipar os homens das condições psíquicas e sociais que permitem a experiência de barbárie.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Trad. de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

CONH, Gabriel (Org.). **Theodor W. Adorno**. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

FREUD, Sigmund. **Pulsões e destinos das pulsões**. Trad. sob a coordenação de Luis A. Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, Vol I).

_____. **O Inconsciente.** Trad. sob a coordenação de Luis A. Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, Vol I).

_____. **Além do princípio de prazer.** Trad. sob a coordenação de Luis A. Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, Vol I).

_____. **O Eu e o Id.** Trad. sob a coordenação de Luis A. Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2007. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, Vol III).

_____. **Totem e Tabu.** Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1988. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol XIII).

_____. **Psicologia das massas e análise do eu.** Trad. de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (Sigmund Freud obras completas, Vol. 15).

_____. **O Futuro de uma ilusão.** Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1988. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol XXI).

_____. **O Mal-Estar na Civilização** Trad. de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Sigmund Freud obras completas, Vol. 18).

_____. **Moisés e o monoteísmo.** Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1988. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol XXIII).

LEBRUN, Jean-Pierre. **A Perversão Comum.** Trad. de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Campo Matemico, 2008.

_____. **O Futuro do ódio.** Trad. de João Fernando C. Correa. Porto Alegre: CMC, 2008.

JORGE, Marco A. C. **Fundamentos da Psicanálise: de Freud a Lacan.** vol I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.

POMMIER, Gérard. **Freud apolítico?** Trad. de Patrícia Chitoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ZIZEK, Slavoj. **Bem vindo ao deserto do Real.** Trad. de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. **Como ler Lacan.** Trad. de Maria Luiza X. de A. de Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **Violência.** Trad. de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.

Eneas de Araújo Arrais Neto.

Fortaleza, Ceará, Brasil

Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará (1981); Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1986), Doutorado Sanduiche pelo Institute of Education da University of London - Uk (1998), Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (1999); Pós-doutorado em Filosofia da Arte e Subjetividade pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales-Fr; Pós-Doutorado na UNINOVE em São Paulo, Brasil, em 2013, sobre Formação Humana Integral em Marx, Gramsci e na Teoria Crítica. Docente de Graduação nos cursos de Licenciatura em Matemática, Licenciatura em Letras e Licenciatura em Física, e docente e pesquisador de pós-graduação no PPGArtes/IFCe.

Email: eneas_arrais@hotmail.com**Link do Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/5249588794190012>**Francirene de Sousa Paula.**

Fortaleza, Ceará, Brasil

Graduação em Psicologia (1999), Mestre (2004) e Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (2017). Atua no campo profissional e de pesquisa nas áreas de psicanálise e educação.

Email:**Link do Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/3187433743742620>**Jerciano Pinheiro Feijó.**

Fortaleza, Ceará, Brasil

Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará, graduação em História pela Universidade Regional do Cariri (2001). Atualmente é professor de educação básica e tecnológica do Instituto Federal do Ceará - Campus Caucaia. Tem experiência na área de Sociologia, Antropologia História e Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, educação profissional, capitalismo, cultura popular, literatura popular e cariri.

Email: jerciano@hotmail.com**Link do Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/0160881359847499>**Raphael Pires de Sousa**

Fortaleza, Ceará, Brasil

Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2016), mestrado em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade Estadual do Ceará (2007), Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará (2002) e em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação Programus (2015), coordenador curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Ari de Sá e professor da Universidade de Fortaleza. Experiência em Educação e Ciência Política, com ênfase em Políticas Públicas.

Email: rapahelpires@unifor.br**Link do Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/4791229116729497>**Recebimento: 18/08/2020****Aprovação: 22/10/2020****Q.Code****Editores-Responsáveis**

Prof. Dr. Enéas de Araújo Arrais Neto, Universidade Federal do Ceará - UFC, Brasil

Prof. Dr. Arno Münster, Universidade de Amiens - Paris, França